

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Gabriel Dambros

**Reflexões propositivas acerca da
pedagogia do futebol para a categoria
sub 17: indicativos metodológicos e
estratégicos**

Campinas
2005



Gabriel Dambros

Reflexões propositivas acerca da pedagogia do futebol para a categoria sub 17: indicativos metodológicos e estratégicos

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para a obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Hermes Ferreira Balbino

Campinas
2005

UNIDADE FEF/1087
 N.º CHAMADA/ ICCT/unicamp
 D181r
 V. _____ Ex. _____
 TOMBO BC/ 2663
 PROC. _____
 C D E
 PREÇO 11,00
 DATA 22/12/05
 N.º CPD 374698
 00600585

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
 BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

D181r Dambros, Gabriel.
 Reflexões propositivas acerca da pedagogia do futebol para a categoria sub 17: indicativos metodológicos e estratégicos/ Gabriel Dambros. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: Hermes Ferreira Balbino.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol-Estudo e ensino. I. Balbino, Hermes Ferreira. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Gabriel Dambros

Reflexões propositivas acerca da pedagogia do futebol para a categoria sub 17: indicativos metodológicos e estratégicos

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Gabriel Dambros e aprovado pela Comissão julgadora em: 05/12/2005.

Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino
Orientador

Profa. Mtdo. Larissa Galatti
Componente da Banca

Profa. Dra. Vera Aparecida Madruga Forti
Componente da Banca

Campinas
2005

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Renato e Bernadete, minha irmã Camila, minha madrinha, Maria do Carmo, e a todos os meus tios, avós e primos, por não medirem esforços para proporcionar os meus estudos e pela profunda estimulação na busca dos meus objetivos.

Aos meus professores da UNICAMP por me proporcionar a abertura de um novo mundo.

Ao meu orientador Hermes Ferreira Balbino, por sempre possibilitar o aprendizado, estimulando-me ao máximo, transformando meus pensamentos em realidade. Sem dúvida, sem os seus conhecimentos, este trabalho não seria possível.

Agradecimentos

A Deus, por me proporcionar a vida.

Aos meus familiares, pelos bons momentos de felicidade e incentivo pela busca do desconhecido, pela constante ajuda e presença nas dificuldades. Pela contínua motivação e transformação de meus sonhos em realidade. Especialmente a meus pais, Renato e Bernadete, que bem sabem os valores que uma família deve possuir.

À minha namorada Nathália, pela paciência, compreensão e alegria nos momentos juntos, sempre maravilhosos.

Aos meus professores de futebol, que me apresentaram este mundo tão fascinante, uma das minhas maiores alegrias e paixões.

Aos meus professores da UNICAMP, pela disposição e dedicação e por me apresentar um horizonte novo, repleto de desafios.

Aos meus amigos da UNICAMP, especialmente a turma 02 D da FEF, pelos ótimos momentos juntos, de brincadeiras, risos, discussões e de aprendizado a cada dia, formando uma nova família.

Aos meus colegas de República, Morelvis, Suíço, Japa, Ito, Gil e Edmar, pelos grandes momentos de aventuras, de convivência, que ficarão para sempre.

Ao meu orientador Hermes Ferreira Balbino, por acreditar em minhas idéias, e ajudá-las de uma forma indescritível a se tornarem realidade. Por proporcionar ótimas discussões, por sempre me estimular ao máximo, por sempre estar disposto a ajudar, pela paciência e compreensão, pela apresentação de um mundo, o qual eu não conhecia e por ele me encantei. Sem dúvida alguma, sua colaboração foi de importância fundamental para a produção deste estudo.

A todos vocês, com muito amor, carinho e dedicação.

DAMBROS, Gabriel. **Reflexões propositivas acerca da pedagogia do futebol para a categoria sub 17: indicativos metodológicos e estratégicos.** 2005. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de realizar reflexões e vislumbrar estratégias acerca da Pedagogia do Futebol, para a categoria Sub 17. Este questionamento é baseado na vida esportiva do autor, sendo que este sempre esteve em contato com um dos principais ambientes para o aprendizado do futebol, que são as escolinhas de futebol. As reflexões trazem aspectos referentes ao processo de iniciação e desenvolvimento esportivo, à Pedagogia do Treinamento, aos Jogos Desportivos Coletivos, a importância da inteligência para a prática do futebol. Este estudo se desenvolveu, com base em fundamentações teóricas, ressaltando os aspectos que são relevantes e devem ser considerados no planejamento a longo prazo para a formação de esportistas. Assim, busca-se a formação de um ambiente favorável para a iniciação e desenvolvimento de futuros atletas ou não, dentro do futebol.

Palavras-Chave: Pedagogia do Futebol; Pedagogia do Treinamento; Jogo Desportivo Coletivo.

DAMBROS, Gabriel. **Reflexões propositivas acerca da pedagogia do futebol para a categoria sub 17: indicativos metodológicos e estratégicos**. 2005. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The presented research has got the objective to make considerations and to catch a glimpse around the strategies about the Soccer Pedagogy to the Sub 17 level. This concerning is based in the sports life from the author, considering that this one was always in contact with most of main atmosphere for learning about soccer that are specialized school of it. The considerations bring aspects that refer to the process of starting and sporting developing, the Training Pedagogy, the Team Sports Games, the importance of intelligence for playing soccer. This research developed based in theoretical thoughts, emphasasing the main aspects that must be considered in mapping out the sports players formation. In this way search a suitable atmosphere for starting and developing of future athletes or no, inside soccer.

Keywords: Soccer Pedagogy; Training Pedagogy; Team Sports Games.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capacidades físicas com as correspondentes fases sensíveis possíveis	43
Figura 2	Unidades da iniciação esportiva	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Características Descritivas Formais da Modalidade Esportiva	
	Futebol	26

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
FEF	Faculdade de Educação Física
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
JDC	Jogo Desportivo Coletivo
VO₂	Capacidade Aeróbia

SUMÁRIO

1.0	Introdução	12
2.0	Objetivo	15
3.0	Procedimentos Metodológicos	16
4.0	Revisão da Literatura	17
5.0	O Futebol	19
5.1	Jogo Coletivo Desportivo	24
5.1.1	O futebol como Jogo Desportivo Coletivo	28
5.2	O Treinamento como Processo de Preparação	35
5.3	O Treinamento como Processo de Especialização	44
5.4	Estratégias para a construção de uma idéia	46
6.0	Estratégias de ensino do futebol na categoria sub 17	50
7.0	Pedagogia do Esporte: uma visão de processo	59
8.0	Considerações Finais	63
9.0	Referências Bibliográficas	66

1.0 Introdução

A partir do momento em que nasci, meu pai se encarregou de me mostrar o mundo do futebol. Na porta do quarto onde eu estava na maternidade, meu pai colocou um símbolo do Palmeiras, muito feliz por ser seu primeiro filho, homem, e de existir a possibilidade de ser palmeirense como ele.

Meu pai sempre jogou futebol onde morava, no interior de Santa Catarina. Seus amigos contam que ele tinha uma habilidade especial com a bola, além de uma ótima condição física. Porém, a sua principal ocupação era com o trabalho, precisava ajudar nas despesas da casa, já que tinha sete irmãos, o que tornava a vida mais difícil. Então, trabalhava durante os dias úteis da semana, e nos finais de semana, aproveitava a folga para jogar as partidas de futebol. Depois de vários campeonatos disputados, foi chamado para jogar no time principal da cidade, que disputava a Primeira Divisão do Campeonato Catarinense. Mas, infelizmente não pode, porque tinha que trabalhar para ajudar a família. Acredito, que um sonho foi interrompido. Nada mais natural de que, agora pai, pudesse proporcionar ao seu filho, eu, a oportunidade de conhecer o mundo do futebol, e quem sabe, até se tornar um jogador de futebol profissional, fazendo com que eu pudesse realizar indiretamente o seu sonho.

Acho que este fato acontece com grande parte dos garotos brasileiros cujos pais jogaram futebol e não tiveram a chance de se transformarem em jogadores profissionais. Comigo não foi diferente, como relatei anteriormente. Talvez, o fato de conhecer essa modalidade esportiva tão cedo fez com que hoje eu possa estudar, pesquisar, e contribuir para a melhoria do ensino dessa modalidade num futuro próximo.

Recordo-me que sempre fui apaixonado por futebol. Não sei bem certo quais foram os fatores que me levaram a isso, talvez esse contato desde cedo possa ter contribuído para que isso se tornasse realidade. Assim, por volta de 10 anos de idade, comecei a freqüentar “escolinhas de futebol”, além de praticar natação. Meus pais viam no esporte uma forma saudável de ocupação do tempo, proporcionando um bom desenvolvimento e contribuindo para a saúde. As “escolinhas”, na maior parte das vezes, tinha como “mentor”, um grande

ex-jogador de futebol, fato este que funciona como propaganda muito forte, induzindo os pais a imaginarem que por ser ex-jogador seja o melhor professor e que, no futuro, possa viabilizar a oportunidade de seus filhos tornarem-se jogadores de futebol. Será que realmente um ex-jogador de futebol, ou alguém com um longo tempo de prática pode ser o melhor professor e desse modo ensinar o futebol? Recordo-me que nessa fase, os ensinamentos acerca do futebol foram feitos por partes, ou seja, os fundamentos eram ensinados um a um, partindo do simples para o complexo, sendo que ao final da aula, praticávamos o jogo formal em si. Hoje, vejo que nesta fase, não vivenciei jogos lúdicos, ou jogos em que praticássemos o futebol de uma forma diferente, sem que o jogo formal estivesse presente, e hoje me preocupo muito com isso. Nessa “escolinha” devo ter permanecido por volta de 3 anos.

Depois de um tempo sem praticar futebol fui para outra “escolinha”, partindo em seguida para uma segunda escola de um ex-jogador, sendo este mais famoso. Mas, o fato mais importante se relacionava com que este ex-jogador esteve presente muitas vezes nas aulas, motivando desse modo mais os alunos a aprenderem o futebol. Entretanto, esta escola se filiou a um grande clube da cidade de São Paulo, e mais tarde acabou se tornando “escolinha” oficial do referido clube, mas os professores continuaram sendo os mesmos. Em face dessa nova condição, acreditava ter mais chances, além de poder ter um aprendizado melhor, devido à visibilidade deste clube, e acima de tudo pela proximidade de estar sendo visto por olheiros do mesmo, facilitando assim todo o processo de uma possível oportunidade no clube. Por causa da condição financeira não favorável de meus pais nesta fase, esta “escolinha” me proporcionou uma bolsa, o que fazia com que tivesse que me esforçar cada vez mais para mostrar resultados. Mesmo assim, o ensino continuava sendo da mesma forma, muito preocupado com o gesto técnico e não muito com a parte tática. Além de que não existia a divisão do treinamento para as diferentes faixas etárias, fazendo com que o treinamento dos mais jovens fosse o treinamento reduzido dos mais velhos. Participei de muitos campeonatos, ganhei alguns, perdi outros, tive oportunidade de entrar de fato para o time juvenil deste clube mas não consegui, porém nunca soube o porquê disso, se era por deficiência técnica, física, tática ou qualquer outra razão.

Finalizada esta etapa, entrei para a Universidade, com o pensamento em estudar mais profundamente o futebol e perceber se: a forma como aprendi a jogar futebol é a

melhor possível? Se este processo desenvolvido pelas “escolinhas é coerente? Pesquisando sobre estas questões, imagino poder no futuro, fazer com que jovens atletas possam aprender e treinar o futebol da melhor forma possível. Quem sabe assim, garotos possam um dia se tornarem jogadores de futebol ! A partir daí, desde então, me dedico ao estudo do treinamento desta modalidade nas diferentes faixas etárias, pensando em uma estratégia de ensino em que seja proporcionado ao jovem uma prática diversificada de modalidades esportivas, fazendo com que aqueles que se interessarem pelo futebol continuem a treiná-lo. Para tanto, a prática precisa conter estratégias que vão muito além da simples reprodução do gesto técnico, porque o jogador precisa ser inteligente, precisa saber resolver os problemas que o jogo lhe apresenta. Portanto, é necessário saber conceitos a respeito do treinamento de jovens, com diferentes estímulos em cada faixa etária, e de aspectos do treinamento de futebol, como metodologias e formas de práticas que estimulem a formação de jogadores inteligentes.

Com todos esses aspectos levantados, vamos procurar através deste estudo, buscar uma forma diferente de visualizar o treinamento de futebol para jovens, ressaltando aspectos que consideramos extremamente importantes e que os professores ou treinadores deveriam conhecer para que possam proporcionar um ambiente favorável ao ensino de modalidades esportivas coletivas, sendo o futebol uma delas. Enfim, procurando favorecer, aqueles que possuam um desempenho superior para dedicar-se à modalidade esportiva mais profundamente e, aqueles que não tiverem essa pré-disposição, poderão continuar praticando suas modalidades favoritas, mas com um outro enfoque diferente (como o lazer), não resultando em adultos frustrados no futuro.

2.0 Objetivo

Este estudo tem como objetivo buscar uma forma diferente de visualizar o treinamento de futebol para jovens, ressaltando aspectos encontrados em referenciais teóricos considerados extremamente importantes. Desta forma, os professores ou treinadores deveriam conhecê-los para poder proporcionar um ambiente favorável ao ensino de modalidades esportivas coletivas, sendo o futebol uma delas. Assim, visualizamos a possibilidade de um processo de iniciação e formação esportiva mais coerente, com um enfoque principal para o futebol, na categoria Sub 17.

3.0 Procedimentos Metodológicos

Para a composição deste estudo realizamos uma revisão da literatura, buscando fontes referentes aos assuntos considerados importantes, que foram abordados no presente estudo. Para isso, recorremo-nos a dados (dissertações, livros, revistas) encontrados na Biblioteca Central da UNICAMP e à Biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

4.0 Revisão da Literatura

No presente estudo, realizamos uma revisão da literatura, para a composição da nossa reflexão para o processo de iniciação e formação esportiva, enfocando de uma forma mais específica o futebol, na categoria Sub 17. Por conta destes fatores, utilizamos autores condizentes com as nossas idéias.

Desta forma, num primeiro momento, caracterizamos a modalidade esportiva futebol, recorrendo a autores como Scaglia (1999) e Witter (1990).

Para a fundamentação dos JDC, utilizamos as idéias de Bota e Colibaba-Evulet (2001), Teodorescu (1984) e Garganta (1998). Como, através destes autores o futebol pode ser visualizado como um JDC, abordamos também a relação do jogo/tática, através das idéias de Daólio (2002). Mais adiante, apresentamos as capacidades específicas do futebol, através de Weineck (1999) e (2000).

Abordamos também as Fases de Desenvolvimento, influenciadas pela idade biológica, que possuem objetivos claros que devem ser estimulados, nos apoiando em autores como Greco e Brenda (1998), Hanh (1988) e Weineck (1999). Além disso, relacionamos o conceito de Fase Sensível de Desenvolvimento, baseados em Grosser, Brüggemann, Zintl (1989).

Pensando no treinamento como um processo de especialização, recorremo-nos a Añó (1997), em que este autor nos traz aspectos relevantes no processo de especialização esportiva.

Caracterizando o pensamento da Pedagogia do Esporte, norteador do nosso estudo, abordamos Santana (2005), enfocando os principais aspectos referentes ao processo de iniciação e formação esportiva.

Para a construção das nossas estratégias para o futebol na categoria Sub 17, baseando-nos em autores como Greco (1998), Garganta (1998), Garganta e Pinto (1998) e Balbino (2001). Desta forma, concentramos nossos principais enfoques na Teoria da Gestalt, na inteligência, cooperação e capacidade de jogo, além da abordagem da Teoria das Inteligências Múltiplas.

Por fim, recorremos a Paes e Oliveira (2005), em que estes se referem às questões da Pedagogia do Esporte, repensando o treinamento técnico-tático nos JDC, sendo que relacionando estas idéias ao futebol e à categoria Sub 17.

5.0 O Futebol

MODERNO, O FUTEBOL CONTEMPORÂNEO

Segundo Scaglia (1999) o futebol moderno é uma modalidade esportiva que está consolidada na cultura mundial, possivelmente a mais popular do planeta, que é praticada da mesma maneira pelo mundo afora. Sem sombra de dúvida, podemos perceber como isso é verdadeiro no mundo contemporâneo. Basta ler qualquer caderno de esportes de jornais ou assistir a um programa esportivo em qualquer canal na televisão para perceber o destaque que ambas as partes dão ao futebol. No Brasil, devido a esses fatores, podemos afirmar de uma forma incontestável, que é a modalidade esportiva mais difundida no país. Para nos ajudar ainda mais, tente você, leitor, se recordar de como o país esteve durante a Copa do Mundo de 2002, em que nos consagramos pentacampeões mundiais de futebol e os jogos aconteciam de madrugada e mesmo assim, os índices de audiência da Rede Globo de Televisão foram muito altos, mostrando a paixão do brasileiro por essa modalidade esportiva.

Scaglia (1999) discute em seus estudos, questões a respeito da pedagogia do esporte, o processo de ensino-aprendizagem do futebol, verificando como é desenvolvido por ex-jogadores em escolinhas de futebol de Campinas, e se o mesmo se relaciona com a maneira com que o futebol era aprendido antigamente. O autor nos traz vários aspectos interessantes e relevantes para o nosso trabalho. Segundo Scaglia (1999, p.7), “o futebol é o resultado final de uma lenta evolução de diferentes jogos com bola, que se deu durante os tempos, através de milênios”. O Futebol é uma modalidade esportiva muito antiga, que através dos anos e da diversificação dos povos que o praticavam foi se alterando, sendo que atualmente suas características já estão difundidas por todo o planeta, não se modificando mais como antigamente, facilitando assim sua prática e difusão. Especificamente no Brasil, em pouco tempo o futebol foi massificado nas camadas populares, transformando-se numa das principais práticas sociais dos brasileiros (SCAGLIA, 1999).

Para a compreensão dos aspectos que podem ter feito com que o futebol tivesse essa identidade com o povo brasileiro, recorremos a Daólio (1997) em que o autor ressalta quatro aspectos presentes no futebol que poderiam se relacionar com as características do povo brasileiro. Esses aspectos são: a idéia de igualdade democrática possível de ser representada no jogo, a necessidade do uso do drible no futebol (imitação da malandragem do povo brasileiro), o fato do futebol permitir a livre expressão, e o povo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena, e branca, tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que os outros povos.

Como ponto de partida, podemos pensar que a vontade pela prática da modalidade começa na rua, no “jogo de bola”, com suas regras próprias, variando conforme o local da prática (WITTER, 1990). Isso é comprovado quando observamos a garotada “jogando bola”, em diferentes lugares do país. Pensando por este lado, me recorro de lembranças e experiências da minha infância e adolescência. Nesta fase, falávamos em “jogar bola” e não em jogar futebol, como se o futebol fosse o único jogo de bola. Isso acontecia porque, na maioria das vezes, jogávamos em ambientes muito diferentes do campo de futebol, como o pátio ou o estacionamento do colégio onde estudávamos. Curiosamente, grande parte das vezes, nem era uma bola o objeto com o qual “jogávamos bola”. Podia ser uma lata de refrigerante ou uma embalagem de iogurte de plástico mais duro. Podemos então nos remetemos à idéia de Witter (1990) que fala a respeito do “jogo de bola”, que atrai milhões de espectadores aos estádios do mundo inteiro.

Percebemos então, que as crianças assistem aos jogos de futebol no estádio ou pela televisão, mas elas praticam nas ruas, nos campinhos, o “jogo de bola”, que possui regras bem diferentes das do futebol profissional, fazendo com que o aspecto do aprendizado seja beneficiado, através da maior possibilidade de se realizar ações livres, melhorando, por exemplo, o repertório de movimentos, que pode auxiliar no posterior aprimoramento da técnica da modalidade.

Mas o futebol moderno, o qual assistimos pela televisão, é uma modalidade esportiva coletiva, administrado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association). No futebol, vinte e dois jogadores disputam uma partida, divididos em duas equipes de onze jogadores cada uma (dez jogadores de linha e um goleiro), sendo a partida “administrada” por um árbitro e dois assistentes, os quais fazem com que as regras,

anteriormente escritas e conhecidas pelas equipes, sejam aplicadas e o jogo desenvolvido de maneira correta, sendo o objetivo da modalidade finalizar na baliza adversária, fazendo o “gol”. Terá sido marcado um gol quando a bola ultrapassar totalmente a linha de meta entre os postes e por baixo do travessão, sempre que a equipe a favor da qual se marcou o gol não tenha cometido previamente alguma irregularidade às regras do jogo.

Pensando assim, percebemos que cada equipe possui vários jogadores, dispostos em posições pelo campo, o que nos permite pensar em um jogo coletivo, cuja participação de todos os jogadores torna-se muito importante. Percebemos também que para a prática da modalidade, conseguir reunir mais de 22 pessoas entre jogadores e “juízes”, a partida torna-se quase impossível, o que faz com que a prática do Futebol Sete Society (futebol praticado em campos de grama sintético e com um número menor de jogadores) e o Futsal (modalidade muito semelhante ao futebol, praticado em uma quadra, conforme a modalidade específica determina e com um número reduzido de jogadores), tornem-se muito maiores, fazendo com que seus praticantes desenvolvam as capacidades semelhantes às específicas do futebol, mas em jogos semelhantes. Podemos relacionar alguns fatores que fazem com que o Futsal e o Futebol Sete Society sejam mais praticados do que o Futebol de Campo. Entre eles podemos destacar, o maior número de quadras e campos de grama sintético do que campos de grama nas cidades, a maior facilidade de se organizar para a prática, maior tempo de participação no jogo (contato com a bola) nessas modalidades, há possibilidade de se poder praticar em lugares fechados (Futsal), exigência de um menor preparo físico, já que os campos de jogo são menores e o tempo de jogo é menor também, e, ainda há possibilidade de variação do tempo de jogo e regras.

Como o principal enfoque do nosso estudo é o Futebol de Campo, cabe aqui caracterizar a modalidade, no que diz respeito, a algumas regras que consideramos importantes para a sua realização (Regra categoria adulto segundo a FIFA, 2005):

- Campo de jogo – as partidas podem ser jogadas em superfícies naturais ou artificiais, de acordo com o regulamento da competição. O campo de jogo deverá ser retangular, com comprimento mínimo de 90 metros e máximo de 120 metros, e largura mínima de 45 metros e máxima de 90 metros. Em partidas internacionais, o comprimento mínimo é de 100

metros e máximo de 110 metros e a largura mínima é de 64 metros e a máxima de 75 metros.

- As metas se consistem de 2 postes verticais, unidas por uma barra horizontal (travessão), sendo que a distância entre os postes será de 7,32 metros e a distância da borda inferior do travessão ao solo será de 2,44 metros.
- A bola deverá ser esférica, de couro ou material adequado, com uma circunferência não superior a 70cm e não inferior a 68cm e deverá ter um peso não superior a 450 gramas e não inferior a 410 gramas no começo da partida.
- A partida será jogada por duas equipes formadas por um máximo de 11 jogadores cada uma, dos quais um jogará como goleiro. A partida não será iniciada se uma das equipes tiver menos que sete jogadores. O regulamento da competição deverá estipular quantos substitutos poderão ser designados, de três até no máximo sete.
- O equipamento obrigatório de um jogador será jérsy ou camiseta, calções curtos, meias, caneleiras e calçado.
- A partida durará dois tempos iguais de 45 minutos cada um, salvo que por mútuo acordo entre o árbitro e as duas equipes participantes decidam outra coisa. Os jogadores têm direito a um descanso no meio tempo, mas este não deve ultrapassar 15 minutos.
- Terá sido marcado um gol quando a bola ultrapassar totalmente a linha de meta entre os postes e por baixo do travessão, sempre que a equipe a favor da qual se marcou o gol não tenha cometido previamente alguma irregularidade às Regras do jogo. A equipe que tenha marcado o maior número de gols durante uma partida será declarada vencedora. Se ambas as equipes marcaram o mesmo número de gols ou não marcaram nenhum gol, a partida terminará em empate. Se o regulamento da competição estabelecer que deve existir um vencedor, o mesmo será feito dentro das regras da competição.

- Posição de Impedimento - Um jogador estará em posição de impedimento se ele se encontrar mais próximo da linha da meta contrária que a bola e o penúltimo adversário. Um jogador não estará em posição de impedimento se estiver em sua própria metade de campo ou estar na mesma linha que o penúltimo adversário ou estar na mesma linha que os dois últimos adversários. Um jogador em posição de impedimento será sancionado somente se, no momento em que a bola toca ou é tocada por um de seus companheiros, encontra-se, na opinião do árbitro, implicando no jogo ativo:
 1. Interferindo no jogo – significa jogar ou tocar a bola que tenha sido passada ou tocada por um companheiro;
 2. Interferindo a um adversário – significa impedir que um adversário jogue ou possa jogar a bola, obstruindo o campo visual ou os movimentos, ou fazendo um gesto ou movimento que, a juízo do árbitro, engane ou distraia o adversário;
 3. Ganhando vantagem da posição – significa jogar a bola que rebota em um poste ou no travessão depois de ter estado em uma posição de impedimento, ou jogar a bola que rebata em um adversário depois de haver estado em uma posição de impedimento.

A regra do impedimento é muito especial e importante para o futebol. É ela que permite que o jogo seja mais disputado no meio campo, com a participação de jogadores de todas as posições, deixando o jogo mais livre e dinâmico. Se esta regra não existisse, poderíamos imaginar que no jogo de futebol, vários atletas ficariam fixos próximos das balizas e que esses poderiam ser muito altos, o que deixaria o jogo muito mais parado e talvez não agradasse o público.

Conforme foi elucidado até aqui, podemos verificar o futebol enquanto modalidade esportiva, com suas diversas formas de práticas, e suas regras específicas. Agora, vamos nos remeter à idéia de Jogo Desportivo Coletivo, o que nos ajuda a entender o funcionamento do futebol.

5.1.0 Jogo Coletivo Desportivo

Como objeto do nosso estudo, o JDC torna-se muito importante para a composição de nossa proposta. Vamos nos apoiar nas idéias de autores como Teodorescu (1984), Garganta (1998), Bota e Colibaba-Evulet (2001).

Entretanto, antes de tratarmos sobre esse tema específico, vamos nos remeter ao assunto jogo e desporto. No nosso estudo, verificamos a idéia de Bota e Colibaba-Evulet (2001) sobre jogo, afirmando que este é uma atividade complexa, preponderantemente motora e emocional, que é desenvolvida de uma forma espontânea, segundo regras pré-estabelecidas, com fim recreativo, desportivo e ao mesmo tempo de adaptação à realidade social. Para entender o termo desporto, nos apoiamos em Teodorescu (1984). O autor afirma que este é um fenômeno social, sendo uma criação do homem que se desenvolveu juntamente com a civilização. Além disso, o autor mostra que o conhecimento e a prática do desporto constituem atos de cultura, no caso a cultura desportiva, ao mesmo tempo em que se torna um excelente meio da educação física.

Conhecendo o significado do termo jogo e desporto, agora podemos partir para uma caracterização do chamado JDC, que, Bota e Colibaba-Evulet (2001, p. 15) afirmam que é um “conjunto de exercícios físicos praticados sob a forma de jogo com um certo objeto (bola, disco) de dimensões diferentes, mediante o qual duas equipes ou dois adversários competem entre eles sob certas regras de organização e desenvolvimento”.

De uma forma mais ampla, Teodorescu (1984, p. 23) mostra que os JDC vão além de exercícios, sendo que:

“o jogo desportivo coletivo representa uma forma de atividade social organizada, de uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou outro objeto) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas”.

Complementando a caracterização do JDC, Teodorescu (1984) traz fatores característicos deste como a predominância da aciclicidade técnica, por solicitações e

efeitos cumulativos (globais e não seletivos) morfológico-funcionais e motores e por uma intensa participação psíquica.

Diante disso, podemos relacionar como JDC, o Futebol, o Basquetebol, o Voleibol, o Handebol, entre outros. Estes jogos devem possuir características semelhantes, que Teodorescu (1984), classifica como as principais características dos jogos desportivos, sendo estas as seguintes:

- Existência de um objetivo de jogo (bola);
- Disputa complexa (individual e coletiva, correlacionadas);
- Regras de jogo;
- Presença obrigatória da arbitragem;
- Limitação da duração do jogo (tempo ou objetivo);
- Estandarização do inventário do jogo e das dimensões do terreno de jogo;
- Existência de técnicas e táticas específicas;
- Caráter organizado das competições;
- Organização da atividade nacional e internacional;
- Existência de teorias e práticas respeitantes à técnica, tática, treino e suas metodologias e;
- Existência do espetáculo esportivo.

Podemos caracterizar o futebol dentro dessa ótica, no Quadro 1, sendo possível analisar a sua estrutura.

QUADRO 1

Características Descritivas Formais da Modalidade Esportiva Futebol

Forma de jogar com a bola	Usam-se os pés e a cabeça (1)
Mobilidade com a bola	Condução livre com os pés
Passe	Em qualquer direção
Posse-início de jogadas	Atribuída a uma equipe
Tempo de jogo	90 minutos (2 períodos)
Área de jogo	Cerca de 8.000m ²
Nº de jogadores	11 por equipe
Substituições	3 por equipe (2)
Área por jogador	Cerca de 727m ²
Obtenção de pontos	Com os pés ou com a cabeça
Formas de marcar com bola	Um gol
Tipo de alvo	Balizas
Dimensão do alvo	17,86m ²
Defesa do alvo	Centrada no goleiro
Gestos para finalizar	Pouca complexidade
Contato físico	Frequente e intenso
Tipo de contato	Individual
Contato defensivo	Choques na luta pela bola
Contato ofensivo	Choques para progredir

Notas: (1) Exceto as ações do goleiro e dos lançamentos laterais.

(2) A substituição pode ser de três jogadores, sendo que a substituição do goleiro conta como uma substituição.

FONTE - Segundo estudos de Rocha e Cordovil (1998), modificado por Balbino (2001).

Percebemos que o JDC está relacionado com equipes que se enfrentam buscando a vitória. A presença da técnica de movimentos e de uma estratégia de jogo tomam-se indispensáveis. Sobre técnica, fazemos referência a Teodorescu (1984), sendo que a técnica representa o conjunto de hábitos motores e específicos, utilizado com o objetivo de praticar o jogo com a máxima eficiência. Já para a tática nos referimos a Garganta (1998) em que o autor a relaciona com dois aspectos fundamentais para a sua criação: a cooperação e a inteligência. A cooperação se relaciona com a noção de equipe, com o espírito de

colaboração e ajuda, fazendo com que os integrantes de uma mesma equipe se ajudem para obter êxitos nas ações do jogo como a defesa e o ataque. Já a inteligência se relaciona com a capacidade do indivíduo de se adaptar a novas situações que podem aparecer no jogo, ou seja, gerar respostas adequadas aos problemas que apareçam, num curto espaço de tempo. Com certeza, a inteligência está relacionada com o “craque”, que não é aquele que executa as ações técnicas do jogo de uma forma correta, mas é aquele que consegue fazer a “leitura do jogo”, percebendo quando deve agir de uma determinada maneira.

No ambiente das capacidades físicas, Balbino (2005) faz referência que os JDC são diferentes das outras modalidades esportivas. Isso é possível devido à aciclicidade das ações, as execuções da técnica em diferentes posições de equilíbrio, ao dinamismo da tática e à alternância do ritmo das ações. Balbino (2005) mostra que as capacidades físicas que são exigidas, de uma forma complexa e diversificada, nos JDC são:

- Resistência – média, longa e curta duração;
- Força – dinâmica, explosiva e resistência de velocidade;
- Velocidade – lançada e resistência de velocidade;
- Coordenação;
- Flexibilidade.

Desta maneira, é possível compreender o JDC segundo suas características e visualizar a gama de aspectos que são trabalhados, mostrando que o ensino através dos JDC talvez seja um dos melhores possíveis, já que permitem a criança compreender o jogo e não apenas repetir gestos. Talvez, no futuro, pode ser que essa criança atinja um ótimo nível de desempenho, com uma formação muito boa, continuando a seguir a carreira esportiva como atleta. Caso contrário, ela estará apta para se encontrar em outras formas de atuação profissional, sendo um adulto não frustrado.

5.1.1 O Futebol como um Jogo Desportivo Coletivo

Habilidades Específicas

Quando falamos em habilidades específicas, a primeira idéia que aparece é que diz respeito à técnica. Anteriormente, fizemos um breve comentário sobre esse assunto. Para complementar, referimo-nos a Bota e Colibaba-Evulet (2001), em que a técnica de jogo é um sistema de movimentos integrados (atos, gestos, destrezas, hábitos) especializados e automatizados, mediante os quais realizamos os objetivos e as tarefas do jogo.

Como no futebol não se usam as mãos no jogo dentro de campo, exceto no caso do goleiro, os gestos técnicos estão, na maioria das vezes, relacionados com os membros inferiores e com a cabeça. Basicamente, podemos pensar em ações indispensáveis para execução de um jogo de futebol, que seriam: o passe e a recepção (que podem ser realizados com os pés, as coxas, o peito e a cabeça), o desarme (recuperação da posse de bola), a finalização, os dribles e as fintas. Porém, atualmente, parece que a capacidade física tem estado acima das demais. Jogadores técnicos e que pensam o jogo estão desaparecendo, dando lugar a jogadores com ótimos níveis físicos (estatura alta, grande velocidade e força). Através disso, estamos produzindo jogadores com baixa inteligência, que apenas reproduzem gestos e correm atrás da bola.

O jogo e a tática

Como foi falado anteriormente, já temos a idéia do que vem a ser o objetivo do futebol, ou seja, que está centrada na finalização, apontando para obtenção de pontos, isto é, fazer gols. Está relacionado com a ação de atacar. Quando o time está defendendo, tem-se como objetivo recuperar a posse de bola, não sofrendo gols. Para a realização dessas ações, é preciso utilizar-se de elementos táticos. A tática:

“representa um sistema coerente de ações selecionadas, planejadas e preparadas antecipadamente para serem utilizadas no jogo da equipe, em função dos adversários, e condições de concurso, por um período mais curto ou mais longo, com vista ao cumprimento dos objetivos competicionais estabelecidos BOTA E COLIBABA-EVULET (2001, p.110)”.

Ainda sobre o aspecto tático, Bota e Colibaba-Evulet (2001) afirmam que a composição da tática de jogo da equipe é composta por:

- Ações táticas individuais – ações (decisão) realizadas por um jogador, a fim de iludir o adversário, como movimentações, fintas;
- Ações táticas de colaboração entre dois ou mais jogadores – colaboração entre dois ou mais jogadores, com o propósito de simplificar as situações do jogo, como ações ofensivas (superioridade numérica) e ações defensivas.
- Ações táticas coletivas de equipe – todas as ações coletivas e individuais dos jogadores, conforme uma série de princípios pré-estabelecidos (papel do treinador).

Segundo Bayer, estudado em Daólio (2002), a semelhança entre as modalidades desportivas coletivas (e o futebol é uma delas) faz com que possam ser pensados princípios operacionais comuns entre as modalidades, divididos em princípios operacionais de ataque e defesa.

Os princípios operacionais de ataque estão relacionados com a conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em relação ao alvo adversário (no caso o gol) e a finalização da jogada, objetivando marcar o gol. Já os princípios operacionais de defesa estão relacionados com a recuperação da posse de bola, impedir a progressão da equipe adversária e da bola em direção ao alvo (o gol) e a proteção do alvo para impedir que a equipe adversária consiga finalizar. Num jogo de futebol, essas ações acontecem o tempo inteiro. Sempre que uma equipe está com a posse de bola, ela executa princípios operacionais ofensivos, buscando marcar o gol. Quando esta equipe perde a posse de bola, ela executa princípios operacionais defensivos, buscando impedir que a equipe adversária marque o gol, recuperando a posse de bola.

A partir desses princípios, Daólio (2002) traz que Bayer define um outro conceito muito importante: as *regras de ação*. Essas regras relacionam-se com os mecanismos necessários para a realização dos princípios descritos anteriormente. As regras de ação são ações que a equipe executa para conseguir realizar, por exemplo, a conservação individual e coletiva da bola, fazendo com que os jogadores se movimentem pelo campo de jogo, se aproximando uns dos outros, tocando a bola entre eles para finalizar no gol adversário.

Capacidades Físicas Específicas do Futebol

Para que o jogador de futebol possa obter o maior rendimento possível, é necessário que as capacidades físicas, específicas da modalidade, estejam altamente desenvolvidas, já que elas são responsáveis diretas pelo desempenho.

Dessa forma, podemos chamar esse processo de condicionamento físico. Nos estudos de Bauer (1990) citados por Weineck (2000), o condicionamento físico pode ser visualizado como sinônimo para o conjunto de todos os fatores de performance: psíquicos, físicos, técnico-táticos, cognitivos e sociais. Verificamos assim que o termo engloba todos os fatores para que o jogador de futebol possa atingir o maior nível de desempenho possível.

Segundo Weineck (2000), as capacidades físicas possuem um caráter condicional, ou seja, elas representam um pré-requisito para a performance técnica, tática, e psíquica, salientando a importância desse trabalho.

Resistência

Segundo Weineck (2000), entende-se resistência pela capacidade geral psicofísica de tolerância à fadiga em sobrecargas de longa duração, bem como a capacidade de uma recuperação após essas sobrecargas. Segundo estudos realizados por Frey (1977) citados por Weineck (1999), verifica-se que a resistência psíquica se relaciona com a capacidade de um atleta suportar um estímulo no seu limiar, por um determinado tempo, e a resistência

física corresponde a tolerância do organismo e de órgãos isolados ao cansaço. No caso do futebol, a partida é dividida em dois tempos de quarenta e cinco minutos, totalizando uma hora e meia de jogo (porém, nem todo este tempo a bola está em jogo), o que nos faz perceber que é um jogo prolongado, sendo a resistência um fator fundamental. Com isso, vemos os profissionais jogarem em um ritmo de dois jogos por semana, além dos treinamentos diários, concluindo que a atividade é bem extensa, seja nos treinos ou nos jogos. A resistência do jogador, segundo Weineck (2000) é subdivida em:

- Resistência Aeróbia – existe oxigênio suficiente para a queima oxidativa de substâncias energéticas (WEINECK, 1999). Os benefícios de uma resistência aeróbia bem desenvolvida estão relacionados com: aumento do desempenho físico e desempenho ótimo da capacidade de recuperação, diminuição das lesões e contusões, aumento da tolerância psíquica, prevenção de falhas táticas em função da fadiga, diminuição dos erros técnicos, manutenção de alto nível de velocidade de ação e de reação e da saúde (WEINECK, 2000).
- Resistência Anaeróbia – não existe oxigênio suficiente para a mobilização aeróbica de energia, que passa a ser obtido por mecanismos anaeróbios (WEINECK, 1999). Para este autor (2000), pode-se denominá-la de resistência de sprint, além de proporcionar ao futebol: o condicionamento específico das características de desempenho muscular do jogo de futebol, boa assimilação das sobrecargas intermitentes e repetitivas de corrida, acelerações e saltos, dribles e em velocidade, chutes e cabeçadas rápidas, melhor capacidade de resistir às mudanças de velocidade e poder acompanhar o alto ritmo de jogo e proporcionar a realização de acelerações, saltos, dribles e chutes com o ritmo máximo e de forma bastante dinâmica o jogo todo.

Força

Segundo Bompa (2002), força é a capacidade de aplicar impulso. No caso específico do futebol. Weineck (2000) subdivide força do jogador de futebol em:

- Força rápida – capacidade do sistema neuromuscular de movimentar o corpo ou parte do corpo ou ainda objetos (bola) com uma velocidade máxima (WEINECK, 1999). Ela está presente principalmente nas acelerações e frenagens;
- Força máxima – representa a maior força disponível, que o sistema neuromuscular pode mobilizar através de uma contração máxima voluntária. Especificamente no futebol é indispensável nos membros inferiores.
- Resistência de força – segundo os estudos de Harre (1976), citados por Weineck (1999) é a capacidade de resistência à fadiga em condições de desempenho prolongado de força. A resistência de força desempenha um papel importante no condicionamento físico geral, especialmente em relação à musculatura auxiliar.

Weineck (2000) aponta alguns aspectos em que a capacidade física força se torna necessária: elevação da performance específica do futebol – força de salto, força de chute, capacidade de aceleração, efetividade e aperfeiçoamento das capacidades técnicas relacionadas ao condicionamento físico, para a formação atlética geral, suportar a sobrecarga de treinamento; no treinamento complementar para o fortalecimento de pequenos grupos musculares que atuam como sinergistas e que são significativos, como treinamento compensatório para as musculaturas que possuem a tendência de serem menos desenvolvidas, como treinamento de compensação para o fortalecimento dos antagonistas e como profilaxia de lesões.

Velocidade

Segundo Bompa (2002), a velocidade é a “capacidade de se transportar ou mover rapidamente”. Em estudos realizados por Frey (1977) citados por Weineck (1999), é mencionado que a velocidade é a capacidade de – em razão da mobilidade do sistema neuromuscular e do potencial da musculatura para o desenvolvimento da força – executar ações motoras em curtos intervalos a partir das aptidões disponíveis do condicionamento. Especificamente para o futebol, Weineck (2000) cita que a velocidade do jogador de futebol é uma qualidade física complexa formada por diferentes capacidades parciais psicofísicas:

- Velocidade de percepção – percepção de situações de jogo e sua modificação no menor espaço de tempo possível;
- Velocidade de antecipação – adiantar-se ao desenvolvimento do jogo e ao comportamento do adversário direto no menor espaço de tempo possível;
- Velocidade de decisão – decidir-se no menor tempo possível por uma ação efetiva entre várias possibilidades;
- Velocidade de reação – reação na menor unidade de tempo possível a situações não previstas no desenvolvimento do jogo;
- Velocidade de movimento sem bola – realização de movimentos cíclicos e acíclicos sem bola, em ritmo intenso;
- Velocidade de ação com bola – realização de ações rápidas com bola em alta velocidade; e
- Velocidade habilidade - agir de forma rápida e efetiva em relação às suas possibilidades técnico-táticas e condicionais.

Mobilidade

Segundo Weineck (2000), a definição de mobilidade vale em geral para a flexibilidade. Já que para Weineck (1999, p. 471) “a flexibilidade é a capacidade e a

característica do atleta de executar movimentos de grande amplitude, ou sob forças externas, ou ainda que requeiram a movimentação de muitas articulações”.

A flexibilidade pode ser dividida em geral e específica, ativa e passiva e flexibilidade estática. A flexibilidade geral se relaciona quando se tratar de flexibilidade em grande extensão dos principais sistemas articulares, enquanto a flexibilidade específica se relaciona com determinadas articulações. A flexibilidade ativa é a maior amplitude de movimento conseguida em uma articulação pela contração dos agonistas e relaxamento dos antagonistas, enquanto a flexibilidade passiva se refere a maior amplitude de movimento conseguida em uma articulação com a ajuda de forças externas, sendo a flexibilidade passiva sempre maior que a ativa (WEINECK, 1999).

Segundo Weineck (1999), a flexibilidade tem efeitos positivos sobre fatores físicos do desempenho esportivo, como a força e a velocidade, como também sobre a técnica esportiva.

Para o jogador de futebol, o desenvolvimento da mobilidade torna-se indispensável para a realização de bons movimentos. O seu desenvolvimento adaptado ao jogo de futebol tem um efeito positivo para o desenvolvimento da força, velocidade, sobre a técnica e para a proteção contra contusões (WEINECK, 2000).

Assim, relacionamos as capacidades específicas para a prática do futebol. Devido a estes fatores, para que o atleta consiga desenvolver um rendimento ótimo na modalidade, deve possuir essas capacidades desenvolvidas, aumentando assim o seu rendimento.

5.2 O Treinamento como Processo de Preparação

O esporte de alto nível exige cada vez mais rendimentos máximos de seus atletas. De uma maneira geral, a literatura mostra que esse desenvolvimento só pode ser alcançado com o treinamento a longo prazo. No caso específico deste estudo, falaremos mais adiante sobre a nossa faixa etária de interesse, a categoria Sub 17 de jogadores de futebol masculino.

Autores como Greco (1998), Grosser, Brüggemann, Zintl (1989), Hanh (1988) e Weineck (1999), ressaltam principalmente o aspecto biológico, mostrando que nas diferentes faixas etárias, existem objetivos claros de desenvolvimento que devem ser trabalhados. Já autores como Zakharov (1992) aponta que tem muito mais uma relação com o processo de treinamento, sendo este determinante no desenvolvimento do futuro atleta.

Neste capítulo, vamos nos apoiar em autores como Greco e Brenda (1998), Grosser, Brüggemann, Zintl (1989), Hanh (1988) e Weineck (1999), trazendo o que cada um deles nos relata sobre as fases de desenvolvimento, trazendo os principais objetivos de cada fase.

Diante disso, verifica-se que a criança deve ser submetida a estímulos que façam que ela possa desenvolver suas capacidades em um nível ótimo, ao longo das diferentes faixas etárias, sendo que a fase anterior de desenvolvimento é a base para a próxima fase como afirma Weineck (1999, p.110): “observa-se uma interdependência entre as fases etárias: a etapa seguinte é sempre construída sobre a base anterior”.

Em relação ao processo de planificação a longo prazo, afirmam Grosser, Brüggemann, Zintl (1989, p. 199), “só uma planificação de rendimento a longo prazo, organizada cuidadosamente ao longo de muitos anos tem seu sentido e êxito, é eficaz e humana”. Zakharov (1992), faz referência a importância desse trabalho a longo prazo, mostrando que se, caso nos períodos favoráveis de aperfeiçoamento das capacidades motoras elas não forem desenvolvidas, será muito difícil no futuro recuperar o tempo perdido, sendo que essa criança não terá os mesmos níveis de performance das demais.

Esses autores todos nos chamam a atenção para a relação entre idade cronológica e biológica, fazendo com que nossa preocupação se relacione com a idade biológica, para que

possamos trabalhar as capacidades nos períodos sensíveis em cada idade, proporcionando um desenvolvimento gradual e correto dessas capacidades.

Para tanto vamos nos apoiar nas idéias de Greco e Brenda (1998), em que os autores nos trazem a idéia de ensino-aprendizagem-treinamento, considerando-se que não pode existir treinamento sem a fase de ensino-aprendizagem, e não é possível ensinar-aprender sem proceder ao treinamento daquilo que já foi ensinado-aprendido. Acreditamos que o treinamento só é possível quando utilizamos os elementos anteriormente aprendidos.

Com essas idéias apresentadas, vamos a seguir abordar as concepções de Weineck (1999), Grosser, Brüggemann, Zintl (1989), Greco (1998) e Hanh (1988) sobre as fases de desenvolvimento, para posteriormente especificamente tratar da categoria escolhida para ser estudada.

Fases de desenvolvimento segundo Weineck

Para Weineck (1999, p. 97), “o treinamento infantil e juvenil não é um treinamento adulto reduzido”, mostrando que para um bom desenvolvimento da criança, as condições de cada faixa etária devem ser conhecidas, adequando o treinamento a cada etapa. Weineck (1999) divide as etapas em : *Fase Pré-Escolar, Início da Fase Escolar, Idade Escolar Tardia, Primeira Fase Puberal e Segunda Fase Puberal*. Na *Idade Pré-Escolar*, período correspondente dos 3 até os 7 anos, fase que está relacionada com a entrada das crianças no ambiente escolar. Nesta fase, os jogos e brincadeiras devem estar relacionados com a formação de uma base de movimentos variados, criando a possibilidade de aumento do nível de coordenação dessas crianças.

Na *Fase Escolar*, que se relaciona com crianças de 6/7 anos até os 10 anos, prioriza a melhoria da coordenação, através da diversificação de atividades, ampliando a base motora. Aqui, podem-se ter a presença de escolares iniciantes como tardios; no primeiro grupo, deve-se aumentar o repertório de movimentos, enquanto nos escolares tardios, deve-se trabalhar com modalidades poliesportivas, preocupando com o aprendizado de movimentos grosseiros, para a posterior melhora da técnica. As fases de desenvolvimento

escolar e escolar tardia devem desenvolver atividades que envolvam coordenação, que serão indispensáveis nas fases futuras.

Na *Idade Escolar Tardia*, iniciada por volta dos 10 anos e se estende até os 13/14 anos (início da puberdade). Segundo o autor, essa é a melhor fase para o aprendizado. Caso as fases anteriores tiverem sido bem trabalhadas, nesse momento já podemos trabalhar com movimentos complexos, sendo que estes podem ser aprendidos. Aqui, exercícios variados devem ser trabalhados, mas já podem ser direcionados para a solidificação de uma base esportiva.

Na *Primeira Fase Puberal*, esta fase inicia-se por volta dos 12/13 anos, terminando por volta dos 14/15 anos. Aqui, presencia-se o aumento do peso e da estatura, fazendo com que a coordenação dos movimentos seja reduzida. Entretanto, esta fase é ótima para o desenvolvimento do condicionamento, sendo este o ponto central do objetivo do desenvolvimento, já que no aspecto coordenativo só é permitida uma estabilização do mesmo.

Na *Segunda Fase Puberal*, etapa que corresponde à adolescência, tendo início por volta dos 14/15 anos até os 18/19 anos. Esta etapa é considerada, pelo autor, a segunda melhor fase para o desenvolvimento. O desempenho esportivo pode ser aumentado, devido ao aumento nos níveis de força e a uma melhor capacidade para memorizar os mesmos. Dessa forma, movimentos difíceis podem ser aprendidos e conseqüentemente memorizados. Nesta fase, o treinamento já pode ser intensificado, sendo este utilizado para a melhoria do condicionamento e das técnicas esportivas específicas para cada modalidade.

Fases de Desenvolvimento segundo Greco e Brenda

Greco e Brenda (1998), relacionam as fases de desenvolvimento através de uma “estrutura temporal”, dividindo-as nas seguintes etapas: *Fase Universal*, *Fase de Orientação*, *Fase de Direção* e a *Fase de Especialização*.

Na *Fase Universal*, correspondente dos 6 aos 12 anos, é considerada pelo autor a fase mais rica do processo de formação esportiva, tendo esta fase uma duração média de 3 a 6 anos.

Através do ensino-aprendizagem-treinamento, devem ser desenvolvidos jogos com as crianças, respeitando a faixa etária de cada uma delas, fazendo com que a proposta das atividades seja correspondente com a idade das mesmas. Dentro das atividades, deve-se trabalhar com diferentes níveis de dificuldade e complexidade, sendo que ambos devem aparecer juntos, partindo do menor nível para o maior. Segundo Greco e Brenda (1998, p. 69), “do conhecido ao desconhecido, do fácil ao difícil, do simples para o complexo, da percepção geral à percepção específica e do conhecimento tático à tomada de decisão”.

Além disso, deve-se trabalhar para que ocorra uma melhoria da coordenação, utilizando elementos variados (bola, corda), variando os exercícios para a ampliação do repertório motor das crianças, sendo que isso depende muito da criatividade do professor. Tão importante quanto, é relação da criança com as demais, que deve ser também estimulada, dentro das atividades propostas.

Na *Fase de Orientação*, que é iniciada por volta dos 11-12 anos e termina aos 13-14 anos, começa o processo de automatização dos movimentos, fazendo com que o jovem possa perceber outras ações que acontecem nas atividades. Aqui, deve-se proporcionar o aperfeiçoamento das capacidades físicas e técnicas, através da vivência de atividades de diversas modalidades esportivas, não enfatizando a perfeição da realização do gesto técnico. A técnica deve ser trabalhada num aspecto global, priorizando a diversificação das atividades e conseqüente ampliação do repertório motor, podendo também trabalhar com aspectos táticos, só que com aqueles que sejam comuns às modalidades coletivas (sem a especialização em alguma modalidade). O aprimoramento da técnica e da tática específica deve corresponder com as fases seguintes.

Na *Fase de Direção*, que se inicia por volta dos 13-14 anos, tendo duração até os 15-16 anos, pode-se começar o aprimoramento técnico em uma modalidade esportiva. Entretanto, o autor enfatiza a importância de se trabalhar com modalidades esportivas complementares, ou seja, modalidades que não prejudiquem o aprimoramento técnico. As atividades devem propiciar o uso da inteligência, através de situações em que o adolescente possa “pensar na melhor saída”, fazendo com que a tática também seja estimulada nessa etapa. No término deste período, o jovem deve ter a possibilidade de escolher uma modalidade esportiva para, a partir daí, começar a se especializar em uma modalidade

específica buscando o alto nível, ou para o esporte como atividade de lazer e promoção à saúde.

Por último, a *Fase de Especialização*, que corresponde dos 15-16 anos até os 17-18 anos. Como próprio o nome já sugere, este é o momento de se especializar em uma modalidade específica, tornando-se um atleta profissional. Aqui, os objetivos estão relacionados com o aperfeiçoamento e a otimização dos meios técnicos e táticos, proporcionando posteriormente comportamentos táticos de alto nível. Com isso, aumenta-se a participação em competições. Forma-se o treinamento técnico-tático, estimulando as respostas aos problemas que vão surgindo no jogo. Esta fase se relaciona com a primeira etapa de direcionamento para o esporte de alto nível.

Fases de Desenvolvimento segundo Hahn

Hahn (1988) apresenta três objetivos do treinamento com crianças, estes correspondem a três fases: a variada formação psicomotriz, o início da especialização em um esporte e o aprofundamento e o treinamento em um esporte específico.

Na primeira etapa, a *formação psicomotriz básica*, o autor também a chama de treinamento fundamental de preparação. Aqui, deve-se obter um desenvolvimento motriz na infância, podendo estabelecer bases para sentir alegria no jogo e no esporte. Como conteúdos importantes aparecem a motivação, a ampliação da coordenação, a flexibilidade e a destreza, estas só poderão ser mantidas e estabilizadas se já foram alcançadas. Daí a necessidade destas capacidades serem treinadas na fase infantil para a criação de uma base, necessária para a obtenção de rendimentos máximos, posteriormente. Segundo Hahn (1988), entre as idades de 7/8 anos e 11/12 anos, as capacidades coordenativas são facilmente aprendidas, sendo que só com a composição em conjunto de todas as funções coordenativas é permitido nas fases posteriores um alto nível de progresso no treinamento e no rendimento.

No *início da especialização no esporte desejado*, o desenvolvimento da coordenação é incrementado com o ensino da técnica do esporte específico. Aqui, o aprendizado motor é estimulado através de outras modalidades esportivas parecidas

(esporte complementar) e o ensino da técnica está relacionado com exercícios específicos da modalidade escolhida, sendo que para isso devem-se seguir as pautas de aprendizagem motora de cada esporte.

Na última fase, *o aprofundamento no treinamento específico* relaciona-se com o desenvolvimento das condições motoras básicas, a estabilização da técnica, o incremento das cargas de treinamento e de uma atividade competitiva regular.

As Fases Sensíveis de Treinamento

Com essa caracterização das fases de desenvolvimento como uma forma de se alcançar uma formação ótima do futuro atleta, complementamos essa idéia com o conceito de fases sensíveis de treinamento, segundo Grosser, Brüggemann, Zintl (1989). Essas fases estão relacionadas com o processo de desenvolvimento favorável de algumas capacidades motoras, em relação a faixas etárias específicas, sendo que não existe uma fase globalmente sensível para o desenvolvimento.

Então, vamos nos apoiar nas idéias de Grosser, Brüggemann, Zintl (1989) para podermos relacionar os períodos sensíveis, de acordo com cada capacidade motora.

Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas

O desenvolvimento dessas capacidades torna-se imprescindível para todos os processos de aprendizagem e treinamento em um esporte. As capacidades perceptivas (relacionadas com a captação de informações de órgãos sensoriais e assimilação das mesmas), as volitivas, intelectuais e de maior reação e concentração se desenvolvem favoravelmente entre os 9 e 13 anos.

Capacidades de Aprendizagem e Coordenação

Estas capacidades estão relacionadas com as capacidades mencionadas no item anterior, favorecidas entre os 7 e 12 anos, devido à plasticidade do sistema nervoso central. Excita-se o cérebro, permitindo uma maior captação e assimilação de informações que os adultos. Para o treinamento da técnica, a melhor fase está relacionada entre os 9/10 e 13 anos.

Capacidades de Resistência

As capacidades aeróbia e anaeróbia formam as bases para as capacidades principais de resistência. A partir dos 8 anos, as crianças reagem com adaptações estruturais e funcionais, frente às formas aeróbicas e treinamento como aumento do VO_2 máx, ao tamanho, frequência cardíaca, volume sistólico e minuto cardíaco, à capacidade vital, incremento do volume sanguíneo, das mitocôndrias e das enzimas. A fase para essas adaptações está relacionada com a puberdade.

Já em relação à capacidade anaeróbia, esta é muito menos favorável durante toda a infância. A fase sensível não começa antes da puberdade. Por isso, o treinamento da capacidade anaeróbia em idades juvenis requer, necessariamente, uma boa base aeróbia. As condições biológicas da adolescência favorecem, então, sem limite a formação da resistência aeróbia e anaeróbia.

Capacidades de Força

Observando as manifestações do desenvolvimento da musculatura e da força, com seus possíveis componentes energéticos (capacidade aeróbia e anaeróbia), morfológicos (secção transversal da fibra muscular) e coordenativos (intra e inter muscular, velocidade de contração), Grosser, Brüggemann, Zintl (1989) ressaltam os seguintes pontos:

- A contribuição energética, por via aeróbia, é positiva a partir dos 8 anos e tem sua fase sensível durante a puberdade, relacionada com a perspectiva biológica da capacidade aeróbia.
- A coordenação inter e intramuscular pode ser desenvolvida a partir dos 8-10 anos. A coordenação intermuscular tem uma fase sensível por volta dos 11-13 anos, na forma de velocidade cíclica e de movimento.
- O aumento da secção transversal da fibra muscular se inicia a partir da puberdade por causa da produção hormonal (testosterona).

Capacidades de Velocidade

As fases sensíveis favoráveis para os diferentes componentes da velocidade são o tempo de reação e a velocidade cíclica entre os 7-12 anos; a força explosiva e a aceleração dos 10/11 até os 15 anos.

Os aumentos de força máxima durante a puberdade, por razões biológicas, levam conjuntamente a um maior domínio da técnica e a um incremento enorme de velocidade.

Capacidades de Flexibilidade

Grosser, Brüggemann e Zintl (1989) diferenciam flexibilidade passiva e ativa. A época ótima para a flexibilidade passiva começa nos primeiros anos de vida, com muita precaução (devido à pouca massa muscular e densidade, tendões e ligamentos extremamente elásticos e pelo sistema esquelético pouco cartilaginoso). A flexibilidade passiva ocorre entre os 8/9 e 12/13 anos, requerendo certa medida de força desenvolvida e coordenação intermuscular adequada.

De uma maneira geral, a Figura 1, que segue a seguir, expressa resumidamente as possíveis fases sensíveis de treinamento, de acordo com as capacidades físicas anteriormente citadas e as faixas etárias condizentes, segundo Grosser, Brüggemann e Zintl (1989, p.206), baseados em estudos de Martin, 1982.

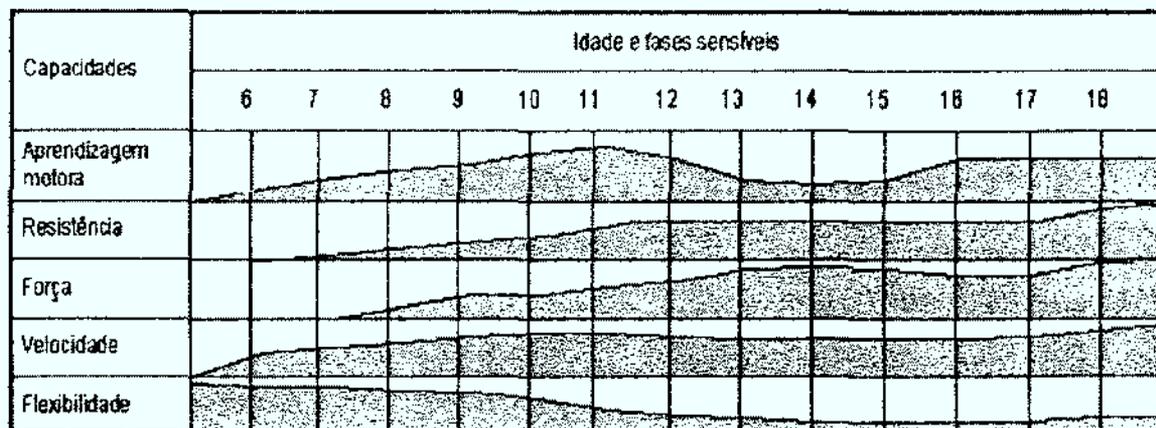


FIGURA 1 – Capacidades físicas com as correspondentes fases sensíveis possíveis (Grosser, Brüggemann e Zintl (1989, p.206)), baseados em estudos de Martin (1982), modificado por Balbino (2001).

5.3 O Treinamento como Processo de Especialização

O processo de especialização é responsável pela intensificação do treinamento em uma determinada modalidade esportiva, visando a obtenção de desempenhos máximos no futuro. Destacamos aqui a importância desse processo, que deve acontecer de uma forma planejada e planejada, para não “queimar etapas” e especializar um possível atleta precocemente, fazendo com que este não consiga atingir os níveis de rendimento máximo no alto rendimento. Diante disso, Weineck (1999) nos faz referência que, sem uma especialização orientada e oportuna, não se pode atingir um elevado desempenho e que para isso, devem-se adequar os princípios a cada faixa etária.

Nesta fase, mais do que nunca, a idade biológica é determinante. Segundo Weineck (1999), as cargas de estímulos no treinamento devem ser determinadas com a idade biológica, e não com a idade cronológica. E a adequação da idade se relaciona com os períodos sensíveis para o melhor desenvolvimento das capacidades motoras.

Añó (1997), nos transmite a idéia de especialização artificial, sendo que esta aparece no processo de treinamento com muita frequência. Esta especialização está relacionada com a orientação de uma criança em um esporte, com um posto específico (posição) em função da necessidade da equipe. Desta forma, podemos pensar que isso pode acontecer devido à prioridade da obtenção de resultados, ao invés de uma formação adequada, privando o possível atleta de uma vivência em todas as posições.

Pensando em uma especialização ideal, esta supõe a introdução de um jovem em um esporte concreto e sua paulatina prática continuada, regular e exclusiva, motivada por suas condições físico-técnicas e sua personalidade (AÑÓ, 1997).

O autor divide o processo de especialização em especialização externa e interna. A especialização externa está relacionada com a escolha de um esporte ou modalidade esportiva específica, enquanto a especialização interna se refere à escolha de um posto específico que o jovem ocupa em sua equipe. Portanto, podemos pensar que num processo de especialização correto, primeiramente deve-se pensar em uma modalidade esportiva,

depois em uma posição específica. Assim, por exemplo, a criança só se dedicará ao futebol. Entretanto, dentro futebol, ela deverá vivenciar todas as posições (goleiro, zagueiro, lateral, volante, meia e atacante), fazendo com que o treinador visualize qual a posição a criança poderá ter maior sucesso, evitando uma especialização ou uma frustração inicial.

Segundo Añó (1997), a especialização não é instantânea e necessita cumprir uma série de requisitos básicos para que seja ótima. Dentre estes, podemos destacar:

- A conveniência de realizar uma especialização globalizada por áreas diversas no lugar de uma especialização direta em um só esporte ou posto específico.
- Deve-se evitar uma especialização esportiva precoce, que anule as possibilidades de desenvolvimento posterior em outros esportes, modalidades ou postos específicos.

Já Grosser, Brüggemann, Zintl (1989) nos fazem referências aos princípios de especialização, o princípio de adaptação à idade e individualidade do desportista, princípio da alternância reguladora, princípio da preferência e da coordenação sistemática e o princípio da regeneração periódica.

No princípio de adaptação à idade e individualidade do desportista tem que se levar em conta a função da idade e das possibilidades do atleta e sua individualidade enquanto talento, motivação e disposição para o rendimento. O princípio da alternância reguladora enfoca a interdependência entre os treinamentos da condição física e da técnica para alcançar e manter um nível máximo de rendimento. No princípio da preferência e da coordenação sistemática se deve decidir pela preferência de determinadas capacidades da condição física e da coordenação, acrescentando a essas últimas a formação de um estereótipo dinâmico (coordenação sistemática). E por último, o princípio da regeneração periódica está relacionado com a necessidade em que o atleta tem que descansar (física e psicologicamente) em certos períodos de dedicação ao Alto Rendimento.

5.4 Estratégias para a construção de uma idéia

O nosso estudo até o presente momento, se pautou em levantarmos vários aspectos que consideramos indispensáveis para a construção de um pensamento relacionado com a iniciação desportiva geral. Feitas essas considerações, vamos nos concentrar mais com uma modalidade esportiva específica, o futebol, e uma determinada faixa etária, categoria específica, o Sub 17.

De início, nossa proposta será norteadada pela pedagogia do esporte. Isso nos traz diversas idéias que nos mostram que nos dias de hoje, as formas de iniciação e especialização esportiva estão centradas exclusivamente na busca e preparação de talentos para que atinjam o alto nível. Isto é muito pouco, se considerarmos que inicialmente pensamos no processo de educar que a Educação Física e o Esporte podem proporcionar, que, na maioria das vezes, esse ideal se encontra fora do processo de iniciação e especialização esportiva.

Para nos auxiliar nessa construção da idéia de Pedagogia do Esporte, vamos nos apoiar nas idéias de Santana (2005), que traz uma relação do processo de iniciação esportiva praticado nos dias de hoje, e como poderia ser se este estivesse baseado nas idéias da Pedagogia do Esporte.

Inicialmente, Santana (2005) nos faz referência, de que esporte e educação são fenômenos indissociáveis, e que a educação física brasileira não se preocupa em educar as pessoas, considerando sua complexidade e a dos fenômenos sociais. Assim, no caso da iniciação esportiva atual, o principal objetivo está baseado num ponto final, em um modelo de atleta a ser alcançado, pronto para o alto nível. O autor refere-se à iniciação esportiva como um fenômeno complexo, que não permite a fixação de um ponto de chegada, sendo este um fenômeno que é composto de várias unidades que se inter-relacionam.

Santana (2005) afirma que a pedagogia do esporte atual educa, baseando-se em um pensamento reducionista, desprezando dimensões sensíveis como a moralidade, a afetividade, a sociabilidade e privilegia a dimensão racional (avaliação e treinamento), elege um modelo de atleta ideal a ser (*per*)seguido, compartilha da preocupação mercadológica da revelação de talentos, tem uma tendência à especialização esportiva precoce, seleciona crianças para o esporte a fim de compor equipes de competição, reproduz modelos de eventos competitivos do esporte profissional e elege a competição como o principal referencial de avaliação. Desta forma, “é muito pouco resumir a pedagogia do esporte na infância ao cumprimento de etapas e premissas de um treinamento que se preocupa com quem treina apenas com o objetivo exclusivo de uma preparação futura” (SANTANA 2005, p. 8).

Com esses aspectos apresentados, vamos pensar no processo que é realizado atualmente. A iniciação esportiva está profundamente relacionada com a busca e preparação de talentos. O maior problema está inserido nas crianças que não alcançam o alto nível. Segundo o autor, elas serão consideradas incapazes, abandonarão a prática esportiva e possivelmente serão infelizes. O esporte deve proporcionar uma prática que seja inclusiva e não excludente. Deve possibilitar a todos a sua prática e aprendizado. Logicamente, alguns irão atingir o alto nível, mas o mais importante é que aqueles que não conseguirem atingir este nível não sejam frustrados, podendo se dedicar a outros esportes ou outras áreas profissionais. Santana (2005) indica que a Pedagogia do Esporte deve se preocupar em cultivar um modo de pensar e agir comprometido com a condição humana das pessoas, sendo que isso não exclui desenvolver as capacidades e habilidades. Existem alguns princípios que o autor considera importante de como a pedagogia do esporte deve atuar. Entre eles, podemos destacar tratar pedagogicamente a competição, de modo que ela apóie o desenvolvimento infantil; buscar o equilíbrio entre o racional e o sensível; dialogar e negociar saberes com o sistema humano que orienta a iniciação esportiva; investir em aulas que reconheçam as diferenças entre os iguais; investir em métodos de ensino comprometidos com a participação e a construção da autonomia; investir numa pedagogia sedutora (lúdica); capacitar (educação de habilidades e desenvolvimento de capacidades) e formar (educação da atitude).

Considerando essas idéias, o autor nos tece considerações a respeito da revelação de talentos. Este processo não pode ser considerado a causa do processo de iniciação esportiva, mas sim uma consequência, já que não podemos ter garantias de que os talentos serão concretizados. Devemos nos preocupar com uma forma de educar para que não se permita a formação de jovens frustrados, por não conseguirem atingir um determinado objetivo em uma modalidade esportiva.

Com isso, Santana (2005) aborda acerca de algumas unidades que se interagem nesse processo, sendo que uma pode interferir na outra, como: professor, técnico, criança, pais, diretores escolares, dirigentes esportivos, mídia, pedagogia da escola, pedagogia da rua, pedagogia do clube, ciência, competição, constituindo-se um sistema em movimento, complexo e sem hierarquia. Isso pode ser apresentado de uma maneira melhor com a figura que segue abaixo.



FIGURA 2 - Unidades da iniciação esportiva, segundo Santana (2005).

Através das idéias acima mencionadas, podemos pensar em um novo rumo para a iniciação e a educação desportiva. A proposta da pedagogia do esporte, a idéia da teoria psicológica da Gestalt, o ensino dos JDC, apoiados nos princípios da inteligência e da cooperação, são os eixos da construção da nossa estratégia de ensino para o Futebol, na categoria Sub 17. Estas idéias serão resgatadas no capítulo seguinte, com a apresentação das estratégias de uma forma mais clara.

6.0 Estratégias de Ensino do Futebol na Categoria Sub 17

É importante frisar que a partir deste momento vamos tentar reunir as idéias que apresentamos ao longo desse estudo para a estruturação de uma estratégia diferente para o ensino do Futebol, para a categoria Sub 17.

Primeiramente, como já aduzido anteriormente, a fundamentação da proposta da Pedagogia do Esporte, servindo como um “rumo” para que possamos traçar a nossa estratégia.

Sendo assim, vamos relacionar as idéias mais condizentes com a prática específica da modalidade, descrevendo as nossas estratégias para uma forma diferente de trabalho com o futebol.

Inicialmente, referimo-nos a Greco (1998), em que o autor nos faz referência a Teoria da Gestalt, sendo esta um norteador da metodologia de ensino dos jogos esportivos, em que se expressa, que a visão do todo é mais do que a soma das partes. O princípio analítico-sintético (derivado da corrente associacionista e que influencia a Teoria psicológica do Behaviorismo) é muito aplicado atualmente nas “escolinhas” de futebol, que pregam que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento deve ser realizado em partes, com exercícios que apresentem a divisão dos gestos, das técnicas, da ação motora em seus mínimos componentes (GRECO, 1998). Teoricamente, no final do processo, o indivíduo estaria apto para realizar o jogo com uma performance satisfatória. O problema aqui se relaciona com o entendimento do jogo, de modo que o atleta possa solucionar os problemas da melhor maneira possível, tendo sempre uma saída. Acreditamos que o método analítico-sintético deve estar relacionado com uma etapa do processo de treinamento, mas não como a base do mesmo.

Apoiando-se na Teoria da Gestalt, temos como eixo da estratégia o princípio global-funcional. Segundo Greco (1998), este princípio se caracteriza pela intenção de adequar toda a complexidade do jogo esportivo (técnica, regras, conceitos táticos, etc.) através de uma seqüência de jogos recreativos acessíveis à faixa etária e à capacidade técnica do

aluno. Conforme estudos realizados por Dietrich, Dürrwächter, Schaller (1984), citados por Greco (1998), parte-se da simplificação dos jogos esportivos formais como o futebol, basquetebol de acordo com a idade, através de um aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo final, que seria a modalidade em si.

Desse modo, apoiamo-nos na idéia de Greco (1998), em que o autor diz que a escolha do método de ensino-aprendizagem-treinamento tem a função de facilitar a ação pedagógica, como também permitir ao aluno a conscientização do seu significado, além de propiciar-lhe a oportunidade de formar conceitos de jogo e da atividade em si.

Nesse sentido, o método de ensino-aprendizagem-treinamento dos JDC, segundo Greco (1998), deve relacionar e considerar que a aprendizagem pode ser compreendida com a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação, e a aprendizagem está ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo, em que o jogo, na sua idéia básica, não seja alterado. Greco (1998) nos faz referência ao método situacional, sendo que este está relacionado com jogadas básicas extraídas de situações padrões de jogo, como superioridade, igualdade e inferioridade numérica, em uma ação de ataque ou defesa, por exemplo. Portanto, ações que acontecem na modalidade formal, no caso específico o futebol, podem ser vivenciadas no treinamento, fazendo que a leitura do jogo e a construção desse processo possam ser estimuladas gradualmente, objetivando um ótimo desempenho na prática da modalidade. Segundo Greco (1998), este processo faz com que o aluno conheça o jogo em suas diferentes fases e planos, conforme estruturas típicas do jogo, inter-relacionando sempre suas capacidades técnicas, táticas, cognitivas na busca de soluções para as tarefas-problema que a situação padrão demanda.

Em face dessa visão metodológica, buscamos alternativas com a estimulação da construção da inteligência e cooperação (GARGANTA, 1998) e da capacidade de jogo (GRECO, 1998). Segundo Garganta e Pinto (1998), sendo o futebol um JDC, a sua essência é a relação de oposição entre os elementos das duas equipes em confronto, e a cooperação entre os elementos da mesma equipe, que acontecem de uma forma aleatória. A inteligência e a cooperação estão relacionadas com a leitura do jogo, citada por Garganta e Pinto (1998) na sua proposta de ensino do Futebol. No futebol, como em qualquer outro JDC, o problema primeiro que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza tática, no qual o atleta deve saber o que fazer, para poder resolver o problema subsequente, o como fazer,

selecionando e utilizando a resposta motora (gesto técnico) mais adequada (GARGANTA e PINTO, 1998). Segundo os autores citados, esse processo se relaciona com a mudança alternada de comportamentos e atitudes dos jogadores de cada equipe para defender ou atacar, seja esta de forma individual, em pequenos grupos, ou coletivamente, assumindo comportamentos que induzam a aparição de situações favoráveis conducentes à concretização dos objetivos (fazer o gol, ou defender a baliza), na observância das regras do jogo. A técnica (recurso motor específico), no caso do futebol, é sempre determinada por um contexto tático, sendo que a verdadeira dimensão da técnica repousa na sua utilidade para servir a inteligência e a capacidade de decisão tática dos jogadores, e das equipes no jogo (GARGANTA e PINTO, 1998). Em razão disso, fizemos referência anteriormente ao porquê do fato de somente o ensino e a prática da técnica não podem fazer com que um jogador atinja níveis ótimos de desempenho, já que a técnica no futebol aparece com a resposta que o atleta apresenta em uma situação. Sendo que para isso, o atleta deve ser inteligente, para poder fazer a leitura do jogo e tomar a decisão correta. Vale a pena ressaltar aqui, segundo Garganta (2000), a importância do erro no processo de treinamento. Como nos JDC estimula-se a resposta por parte dos atletas, sem a resolução do problema por parte do professor, o erro se constitui através de uma resposta equivocada a um problema apresentado, servindo para a visualização de que o atleta está ou não conseguindo fazer a leitura do jogo.

Em outra perspectiva, segundo Greco (1998), um importante aspecto a ser desenvolvido é a construção da capacidade de jogo. Segundo o autor, a capacidade de jogo está relacionada com a interação do desenvolvimento de diversas capacidades que compõem o rendimento esportivo em uma situação de jogo (a tarefa motora que a criança resolve na prática, com sua ação). Com a execução da técnica, após a estruturação mental de uma ação tática, a decisão da criança depende de seu estágio de conhecimento tático e técnico, de seu potencial físico, de seu estado psicológico etc., no momento de concretização da ação. O desenvolvimento da capacidade de jogo sustenta-se na prática de situações que acontecem no jogo, com modificações do espaço de jogo, número de companheiros, adversários, ou seja, com inúmeras variações possíveis (método situacional).

Como, neste estudo, estamos considerando o desenvolvimento da inteligência como um fator fundamental para uma melhor preparação de futuros atletas, podemos agregar ao

nosso estudo a abordagem da inteligência com o viés proposto por Howard Gardner em sua Teoria das Inteligências Múltiplas.

Segundo Balbino (2001), diante das relações possíveis que se estabelecem no ambiente dos JDC, podemos relacioná-las com os pressupostos desta teoria, que valorizam a totalidade do indivíduo e suas capacidades potenciais, em relação com o ambiente dos JDC. A Teoria das Inteligências Múltiplas foi proposta por Howard Gardner no início da década de 80, e estudada mais recentemente por Balbino (2001) na dimensão de sua aplicação na pedagogia do esporte. Vamos tomar por base este estudo para podermos relacionar este tema com a nossa estratégia de pedagogia do futebol. Segundo Balbino (2001), a Teoria das Inteligências Múltiplas se relaciona com a abordagem plural das habilidades, capacidades, faculdades, talentos, e competências do Homem. Através de muitos estudos e observações de Gardner, este chegou a conclusão de que todas as pessoas possuem um leque de capacidades, podendo possuir uma grande capacidade em determinada área, porém em outras áreas elas não exibiam o mesmo nível de atuação.

Conforme estudos desenvolvidos por Gardner (2000) citados por Balbino (2001), verificou-se o conceito de inteligência como o “potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados em uma cultura”. Desta forma, no nosso estudo, vamos relacionar o processamento de informações para a solução de problemas, o que implica em pensarmos nos problemas que acontecem durante uma partida de futebol, que devem ser resolvidos da melhor maneira possível, buscando êxitos nas partidas da modalidade. Gardner dimensionou em sua Teoria a existência de oito inteligências: corporal-cinestésica, verbal-lingüística, lógico-matemática, musical, espacial, naturalista, interpessoal e intrapessoal. Para tanto, vamos relacionar cada uma dessas oito inteligências com as suas possíveis manifestações nos JDC, de acordo com as relações estabelecidas entre autores, por Balbino (2001).

A Inteligência Corporal-Cinestésica se relaciona com o potencial de usar o corpo (ou partes dele), para resolver problemas. Controlar os movimentos corporais fazem parte desta inteligência. Com isso, o indivíduo com esta inteligência desenvolvida pode apresentar as seguintes características para os JDC:

- Explora o ambiente de jogo com o corpo em movimento, usando do toque, manejo e manipulação de implementos como a bola de jogo;
- Aprende de forma melhorada por meio da execução pelo movimento aquilo que se deseja ensinar;
- Motiva-se por participação em jogos;
- Manifesta habilidade esportiva geral;
- Demonstra equilíbrio, graça, destreza e precisão nas tarefas físicas;
- Busca novas abordagens para habilidades em movimento.

A Inteligência Verbal Lingüística envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade para o aprendizado de línguas e a capacidade de se utilizar da linguagem para atingir certos objetivos. Interessante ressaltar que grande parte do ensino e da aprendizagem acontece por meio da linguagem. Nos JDC, a linguagem torna-se um importante elemento para a comunicação, que aparece desde a atuação pedagógica nas aulas de iniciação e formação esportiva, até na comunicação durante os jogos por parte dos atletas, sendo esta dentro ou fora de campo. Por isso, um ambiente motivado pelo desafio das palavras e por múltiplas conversações, através da utilização dos diversos meios de manifestação e assimilação da linguagem, como ouvir, falar, ler e escrever. Dentro dos JDC, indivíduos que apresentam essa inteligência bem desenvolvida apresentam as seguintes características:

- Recebe por meio da transmissão de ordens verbais, instruções de aprendizagem técnica ou de estratégias e táticas, conseguindo codificá-las e posteriormente recordá-las;
- Interpreta as instruções e orientações do técnico ou professor;
- Fala com os companheiros da equipe, em momentos adequados, transmitindo instruções de forma eficiente durante as partidas;
- Usa a escuta e a fala para refletir sobre orientações verbalizadas, oralmente ou escritas, do técnico ou professor.

A Inteligência Lógico-Matemática envolve a capacidade de analisar problemas com lógicas, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. No

processo de iniciação e formação esportiva, está inteligência pode ser estimulada de diferentes formas, possibilitando a construção do pensamento lógico presente nos JDC. Os sistemas táticos que se formam nos treinamentos e jogos, podem estimular este tipo de pensamento. Nos JDC, os indivíduos que possuem essa inteligência estimulada, podem apresentar as seguintes características:

- Reconhecer nos objetos e equipamentos do ambiente de treinamento ou competição, as funções que são atribuídas a cada um deles;
- Conhecimento dos conceitos de tempo de jogo, aspectos de causa e efeito relacionados às regras e regulamentos do jogo e da competição;
- Compreensão de diagramas, símbolos, e códigos utilizados pelo treinador ou professor na orientação de táticas e estratégias;
- Percepção de padrões de relacionamento dentro do ambiente de treinamentos e jogos;
- Interpretação das estatísticas e gráficos de jogo.

A Inteligência Musical indica habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. Em estudos realizados por Campbell et al. (2000), citados por Balbino (2001), a música pode ajudar a criar um ambiente emocional positivo que desencadeie a aprendizagem, devido a uma forte conexão entre a música e as emoções. Aquele indivíduo que possui esta inteligência bem desenvolvida apresenta nos JDC:

- Respostas variadas aos sons dirigidos do ambiente, como os provocados pelos torcedores, em manifestações favoráveis ou contrárias ao indivíduo ou a equipe.
- Reação cinestésica à música executada em locais de competição, reagindo com emoções de forma positiva ou negativa.

Já a Inteligência Espacial tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço, solucionando problemas relacionados com o espaço. Em estudos realizados por Campbell et al. (2000) citados por Balbino (2001), encontram-se uma série de habilidades relacionadas com a inteligência espacial como a discriminação visual, reconhecimento,

projeção, imagens mentais, raciocínio, espacial, manipulação de imagens, duplicação de imagens externas e internas.

Segundo Balbino (2001), um indivíduo com a inteligência espacial bem desenvolvida pode apresentar as seguintes características nos JDC:

- Visualização por meio de imagens mentais das orientações da técnica, de táticas e estratégias de situações treinadas, bem como de seus detalhes;
- Utilização das imagens visuais das situações vividas em treinamento, para recordar informações;
- Interpretação de gráficos, tabelas e esquemas táticos representados;
- Visualização espacial das movimentações possíveis dos esquemas táticos de forma tridimensional e suas conseqüentes reorganizações no espaço;
- Percepção de padrões sutis e óbvios, na formação tática;
- Aprendizagem através da visão e observação de outros modelos de execução técnica ou tática, de indivíduos presentes no ambiente esportivo ou através de imagens gravadas;
- Movimentação do seu eu pelos espaços possíveis em um esquema tático, em sua equipe e em relação ao adversário.

A Inteligência Naturalista refere-se ao conhecimento sobre o mundo vivo, incluindo a classificação de diversas espécies, identificando-as e reconhecendo a existência de outras, relacionamento com seres ou objetos, interação com espécies animais, sintonia com o mundo dos organismos, usando essas capacidades de maneira produtiva. As pessoas com esta habilidade bem desenvolvida apresentam habilidades de observar, classificar e categorizar, também podendo ser aplicadas a objetos artificiais. Portanto, os indivíduos com esta inteligência desenvolvida, apresentam nos JDC:

- Interesse pelo ciclo de transformações que o exercício dos jogos pode provocar no organismo;
- Observação do ambiente com interesse e curiosidade;
- Capacidade de entender as diferenças de desempenho nos exercícios entre os participantes das atividades;

- Busca do entendimento do funcionamento do organismo nas atividades de treinamentos e jogos;
- Percepção das relações de interdependência entre os participantes do sistema formado nos JDC.

A Inteligência Interpessoal compreende a capacidade de entender as emoções, as motivações e os desejos do próximo, e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Estudos desenvolvidos por Campbell et al. (2000) citados por Balbino (2001) indicam que esta inteligência permite compreender as outras pessoas e a comunicação com as mesmas, na medida de mudanças no comportamento; inclui a capacidade para formar e manter relacionamentos, para assumir diversos papéis dentro de um grupo como membro ou líder, sendo esta inteligência evidente nos indivíduos com habilidades sociais aprimoradas. No ambiente dos JDC, as possíveis manifestações desta inteligência são:

- Interação com o companheiro de equipe;
- Manutenção dos relacionamentos em equipe e formação de novos relacionamentos em diferentes vias de acesso aos companheiros de equipe;
- Participações nas ações coletivas da equipe, tomando o espírito coletivo como conceito de jogo;
- Influência nas ações dos companheiros de equipe de forma construtiva;
- Compreensão e comunicação de diversas formas em diferentes vias de acesso, durante um jogo, de modo a se fazer entender;
- Habilidade de medição de conflitos entre os companheiros de equipe.

Por último, a Inteligência Intrapessoal envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidades e de usar estas informações com eficiência para regular a própria vida. Conforme estudos realizados por Campbell et al. (2000), citados por Balbino (2001), a inteligência intrapessoal inclui nossos pensamentos e sentimentos; quanto mais pudermos trazê-la à consciência, melhor poderemos relacionar nosso mundo interior com o

mundo exterior da experiência. As características que uma pessoa com esta inteligência bem desenvolvida pode apresentar nos JDC são:

- Demonstração de motivação em realizar tarefas em treinamentos e jogos;
- Tentativas de compreensão das suas experiências internas;
- Consciência e controle das emoções presentes durante o jogo ou em competição;
- Expressão e consciência de sentimentos;
- Motivação na luta por alcançar objetivos pessoais específicos aos treinamentos, como na melhoria de determinada técnica ou de conquistas em desempenho individual em jogos;
- Equilíbrio de emoções em momentos de pressão psicológica, como em jogos decisivos ou momentos decisivos durante os jogos;
- Modelo e sistema de valores, demonstrando comportamentos éticos e construtivos para a equipe em treinamento e jogos.

7.0 Pedagogia do Esporte: uma visão de processo

Como já abordado anteriormente, é imprescindível que o profissional que trabalhe com iniciação esportiva conheça as fases sensíveis de treinamento, com os períodos sensíveis para o desenvolvimento das capacidades motoras. Por estar relacionado com as capacidades motoras de que as modalidades esportivas necessitam, pode-se trabalhar e objetivar um aumento gradual do desempenho dos futuros atletas, para que estes não sejam prejudicados no futuro. Pode-se então objetivar o desenvolvimento consciente do indivíduo buscando o seu máximo, com uma coerente planificação do treinamento a ser desenvolvido.

Especificamente, no caso do Futebol e da categoria Sub 17, as capacidades físicas específicas são resistência (aeróbia e anaeróbia), força (rápida, máxima e resistência de força), velocidade e mobilidade, de acordo com as idéias de Weineck (2000). Conforme Grosser, Brüggemann, Zintl (1989), verifica-se que a maioria das fases sensíveis se encontra em uma idade anterior a esta específica da categoria do futebol. Num processo de desenvolvimento ideal, a estimulação do aumento do nível dessas capacidades deve ser proporcionada em fases anteriores, e nesta idade específica, o mais importante estaria relacionado com a manutenção dos níveis dessas capacidades.

Paes e Oliveira (2005) trabalham a questão da pedagogia do esporte, repensando o treinamento técnico-tático nos JDC. Este estudo contempla vários aspectos que discutimos durante esse estudo. Na ótica destes autores, vamos trazer questões relevantes a respeito do treinamento técnico-tático para a formação da estratégia de treinamento para o futebol, em especial da categoria sub 17, tema este que é o objetivo central do nosso estudo.

Inicialmente, Paes e Oliveira (2005) tratam da etapa de especialização, sendo que esta se relaciona com a definição, por parte dos atletas, de uma modalidade específica, fato este que já comentamos no nosso estudo, focando nosso trabalho para a escolha do futebol por parte dos futuros atletas. Porém, os autores ressaltam para a necessidade dos futuros atletas receberem estímulos diferenciados, com a justificativa de que não ocorra a estabilização da performance através do treinamento e da competição.

Na etapa de especialização, Paes e Oliveira (2005) referem-se a uma proposta com exercícios gerais, específicos e competitivos, para o treinamento na modalidade escolhida. Os exercícios gerais estão relacionados com exercícios que se apóiam em ações que acontecem fora do ambiente da competição; os exercícios específicos se relacionam com características muito próximas da competição; e os exercícios competitivos são idênticos aos da competição, porém nos treinamentos, eles são realizados baseados nas regras da modalidade específica. Além disso, os autores fazem referência ao método situacional, também citado anteriormente neste trabalho.

Ainda sobre o processo de especialização, Paes e Oliveira (2005) indicam que esse processo deve encaminhar para um conjunto de informações sobre os fatores inerentes ao desenvolvimento da educação e do treinamento técnico-tático, além de outros fatores que complementam o treinamento como preparação física, social e psicológica, alimentação, horas de sono, estudos sobre os procedimentos metodológicos, entre outros. Estes objetivos não fazem parte específica deste nosso estudo, porém são de fundamental importância que sejam integrados para o melhor desenvolvimento possível por parte dos atletas.

Um fato muito importante observado no estudo de Paes e Oliveira (2005), está inserido no fato de que quando o atleta optar por uma modalidade específica deve acontecer uma diversificação dentro da especialização, ou seja, vários métodos para o ensino ou desenvolvimento das habilidades devem se integrar, fazendo com que vários conhecimentos possam ser assimilados, proporcionando aos praticantes um enriquecimento motriz, evitando a especialização precoce em uma só função. Sobre este aspecto, também já fizemos referência, apoiados nas idéias de Añó (1997), pois, além de podermos relacionar com a proposta da Teoria das Inteligências Múltiplas, também presente nesse trabalho, para nos auxiliar ainda mais.

Paes e Oliveira (2005) trazem suas propostas voltadas para o basquetebol. Porém, como dissemos anteriormente sobre a *meta-identidade* JDC entre as modalidades esportivas coletivas, podemos integrar essas propostas para o futebol, logicamente no contexto específico da modalidade. Os autores relatam que no treinamento técnico devem ser aperfeiçoados os fundamentos específicos do basquetebol, através do método de ensino integral das ações motoras técnicas, utilizando-se de exercícios recreativos e do jogo global; do método analítico sintético, do método situacional e de outros métodos que podem ser

criados por parte do professor ou treinador, para compor a melhor forma de trabalho possível. De acordo com essas idéias, podemos usar nos mesmos princípios, porém aplicado-os ao futebol.

Paes e Oliveira (2005) ao relacionar esses aspectos com a inteligência, os autores apontam semelhanças aos estudos de Júlio Garganta, pois se apóiam em questões referentes à leitura do jogo e da criatividade. Os autores mostram a importância de se desenvolver nos jogadores competências que transcendam a execução, centrando suas capacidades cognitivas nos princípios das ações que regem o jogo, como a comunicação entre os jogadores, obtenção de aproveitamento de espaços vazios e percepção antecipada das ações dos adversários. Fatos estes que acreditamos que sejam aqueles que podem fazer com que o jogador torne-se diferenciado.

Por fim, Paes e Oliveira (2005) dividem as fases do desenvolvimento desportivo especializado em Treinamento Especializado Nível I, II e III. A fase de treinamento especializado nível I possui atletas situados na segunda fase puberal, sendo que a idade cronológica correspondente é de 15, 16 e 17 anos, fase esta que corresponde à faixa etária do nosso estudo. A fase de treinamento especializado, nível II, relaciona-se com atletas situados na adolescência, com a idade cronológica entre os 18 e 20 anos. E por fim, a fase de especialização, nível III, apresenta atletas na fase adulta, acima de 20 anos.

Especificamente para podermos conciliar estas idéias com o nosso estudo, vamos trazer as idéias de Paes e Oliveira (2005) para a fase de especialização nível I, que corresponde exatamente à mesma faixa etária apresentada para o futebol, ou seja, para a categoria sub 17.

Para esta faixa etária, os autores fazem referência para a utilização no treinamento técnico de exercícios sincronizados, além de outras propostas para a solução de problemas específicos que podem facilitar o entendimento tático. Além disso, mostram que há necessidade de nesta fase, de aperfeiçoar os sistemas táticos, que anteriormente eram praticados com uma ênfase menor. Porém, mostram a importância da liberdade de pensamento tático, para o desenvolvimento da criatividade junto com as ações técnicas, sendo que a tática básica é a resolução de problemas. Os autores referem-se também à utilização dos conhecimentos teóricos que norteiam o treinamento, sendo que estes podem auxiliar no entendimento dos objetivos e das metas no decorrer do processo de treinamento.

Nesse sentido, Paes e Oliveira (2005) ressaltam a importância da utilização desses conhecimentos proporcionando assim uma maior autonomia por parte dos atletas, pois a aplicação desses conhecimentos podem proporcionar aos atletas autonomia em suas decisões, não reproduzindo sempre o que o técnico fala, formando assim a personalidade do atleta.

Portanto, acreditamos que uma proposta a longo prazo para o treinamento de uma modalidade esportiva coletiva, pode proporcionar inúmeros benefícios para a formação, tanto de atletas que possam atingir o alto nível, como de adultos autônomos, que pratiquem as modalidades que mais se identificam com uma outra forma, não se preocupando contudo que esta possa ser uma atividade profissional em que ele tenha que obter altos rendimentos.

8.0 Considerações Finais

O treinamento para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva envolve muitos aspectos que devem ser considerados no momento do planejamento de um trabalho a se realizar a longo prazo. Questões como idade biológica, períodos sensíveis, metodologias e estratégias a serem aplicadas são de fundamental importância para que este processo atinja seus objetivos.

Na formação de um pilar para sustentar a nossa estratégia, temos a pedagogia do treinamento, abordada por Santana (2005), mostrando a relação do esporte com a educação, sendo estes fenômenos indissociáveis. Por isso, temos que ter clara a idéia de proporcionar um desenvolvimento ótimo para os futuros atletas, mas que o ponto final, ou seja, o alto nível não deve ser a nossa principal preocupação. Nosso objetivo deve estar voltado para a criação de um ambiente favorável para o desenvolvimento dos jovens como Homem, envolvendo questões como a autonomia, a inteligência, as emoções, a sociabilidade formando antes de um atleta, um ser humano.

O conhecimento aprofundado da modalidade específica aparece como um ponto de partida para que este planejamento possa ser viabilizado. Buscamos neste estudo caracterizar o futebol como uma modalidade esportiva, com a sua lógica, mostrando sua difusão pelo mundo, suas principais regras e outras formas de prática que levam ao futebol em si.

Em um segundo momento, procuramos relacionar nosso estudo ao de autores da pedagogia do esporte, tais como Bota e Colibaba-Evulet (2001), Teodorescu (1984) e Daólio (2002), sendo que estes ressaltavam a importância dos JDC como uma metodologia do ensino das modalidades esportivas coletivas. Aqui, relacionamos as características do JDC, às semelhanças existentes entre as modalidades e os princípios operacionais relacionados com as fases de ataque e defesa. Além disso, procuramos caracterizar o futebol como um JDC, para que seu ensino possa ser baseado nesta metodologia. Dentro dos Jogos Coletivos existem inúmeros aspectos que acreditamos que são fundamentais para um processo de ensino-aprendizado-treinamento (GRECO E BRENDA, 1998), ou seja, uma forma ótima de desenvolvimento destes processos, fundamentais para a formação esportiva

de jovens. Relacionamos as capacidades físicas específicas da modalidade, para que os exercícios sejam condizentes com as principais necessidades físicas do atleta, mas este não foi o principal enfoque do nosso estudo.

Abordamos também aspectos fundamentais para o desenvolvimento esportivo dos jovens. Foram apresentadas questões referentes à idade biológica, como as divisões das fases de desenvolvimento segundo autores como Weineck (1999), Grosser, Brüggemann, Zintl (1989), Greco (1998) e Hanh (1988), mostrando o que cada um deles sugere como objetivos a serem estimulados no trabalho em cada uma dessas fases, sendo o principal norteador a idade biológica, sugerindo o porquê dos objetivos. Além dessa divisão, abordamos também as fases sensíveis de treinamento. Aqui, os autores como Grosser, Brüggemann, Zintl (1989) sugerem os períodos em que as capacidades físicas possuem um desenvolvimento favorável, em relação a faixas etárias específicas, sendo que esse desenvolvimento torna-se indispensável para um melhor desempenho futuro, nas modalidades esportivas. Acreditamos que para um ótimo desempenho da categoria sub 17 do futebol é preciso o desenvolvimento das capacidades físicas de uma maneira coerente, respeitando as faixas etárias e estimulando o seu desenvolvimento nos períodos favoráveis.

A nossa maior preocupação esteve centrada no treinamento técnico-tático, mostrando as relações entre esses fatores. Para isso, recorremos a autores como Garganta (1998), Garganta e Pinto (1998) Paes e Oliveira (2005), que enfatizam a importância do aspecto tático, já que através dele, as necessidades técnicas vão surgindo, para a resolução dos problemas que o jogo apresenta. Porém, as respostas dos problemas não devem ser apresentadas pelo professor, pelo contrário, o professor deve estimular que os próprios alunos resolvam os problemas sozinhos, através de exercícios que permitam esta ação. Além disso, destacamos a importância do erro neste processo, auxiliando o desenvolvimento dos jovens.

Apresentamos também questões inerentes ao processo de especialização, baseados nas idéias de Añó (1997). Na categoria escolhida para o estudo, no caso do sub 17, esta questão aparece como importante norteador para a formação dos atletas dentro de uma modalidade específica, no nosso estudo o futebol. É muito importante ressaltar que esta etapa deve cumprir seus objetivos de forma coerente, dentro de uma modalidade específica. Mas, mostramos que este processo deve proporcionar estímulos variados, no sentido de que

não temos certeza alguma de que o jovem se tornará um atleta de alto nível. Para isso, a prática de outras modalidades complementares à modalidade principal e a vivência de diferentes posições dentro da modalidade escolhida são de fundamental importância.

Em relação à tática, nosso principal enfoque é a estimulação da formação de jogadores inteligentes, auxiliados por feitos levantados por Garganta e Pinto (1998) e Balbino (2001). Vimos que, aqueles que possuem um entendimento maior das questões referentes ao jogo, como a possibilidade de realizar a leitura do jogo, terão um desempenho muito superior sobre os demais. Por intermédio disso, o jogador poderá desenvolver a sua criatividade e não simplesmente realizar as instruções do professor ou treinador. Aqui, possibilitamos o desenvolvimento da autonomia, fundamental para a formação da personalidade do jovem.

Oportuno se faz mencionar que buscamos uma visão diferente de como se deve entender o processo de iniciação e formação esportiva, mostrando que os aspectos trabalhados atualmente devem fazer parte deste processo, mas, que outros fatores de importância fundamental foram esquecidos, prejudicando assim os jovens atletas. Se pensarmos dessa forma, procurando focar os diversos aspectos que são relevantes para o desenvolvimento esportivo, talvez possamos contribuir para uma mudança do quadro atual, que ainda privilegia muito o aspecto técnico. De fato, ainda são necessários outros estudos para a verificação de como este processo acontece, por exemplo nos grandes clubes do futebol brasileiro. Desse modo, acredito que possamos visualizar, no futuro, como questões ora levantadas neste estudo acontecem nesse ambiente, pois possivelmente esses clubes estão intimamente ligados ao treinamento de atletas somente na busca do alto rendimento.

9.0 Referências Bibliográficas

AÑÓ, V. **Planificación y Organización del Entrenamiento Juvenil**. Madrid: Gymnos Editorial, 1997.

BALBINO, H. F. **Jogos Desportivos Coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: uma proposta em pedagogia do esporte**. 2001. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.

_____. **Pedagogia do Treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. Tese de Doutorado. Doutorado em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2005.

BOMPA, T. O. **Periodização: Teoria e metodologia do Treinamento**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

BOTA, I.; COLIBABA-EVULET, D. **Jogos Desportivos Coletivos: teoria e metodologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DAÓLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

_____. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer**. In: Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, volume 10, número 4, p. 99-104, Outubro, 2002.

FIFA. **Regras do Jogo**. 2004. Disponível em: www.cbfnews.com.br. Acesso em 20 out.2005.

GARGANTA, J.; PINTO, J. **O ensino do futebol**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

_____. **O treino da tática e da estratégia nos jogos coletivos**. In: GARGANTA, J. **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 2000.

GRECO, J. P.; BRENDA, R. N. (Org). **Iniciação Esportiva Universal**. Volume 1: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GRECO, J. P. (Org). **Iniciação Esportiva Universal**. Volume 2: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.

GROSSER, M.; BRÜGGEMANN P.; ZINTL, F. **Alto rendimento desportivo: planificacion y desarrollo**. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

HAHN, E. **Entrenamiento com niños: teoria, práctica, problemas específicos**. Barcelona: Martinez Roca, 1988.

PAES, R. R.; OLIVEIRA, V. **A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico-tático nos jogos desportivos coletivos**. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SANTANA, W. C. **Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade**. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se ensina e o futebol que se aprende**. 1999. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 1999.

TEODORESCU, I. **Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 1984.

WEINECK, J. **Futebol Total: o treinamento físico no futebol**. Guarulhos: Phorte Editora, 2000.

_____. **Treinamento Ideal**. São Paulo: Manole, 1999.

WITTER, J. S. **O que é futebol ?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Palestra Sport, 1992.